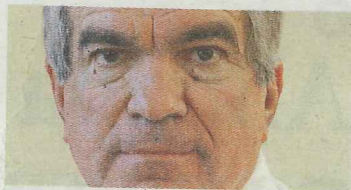


OPINIÃO



Economia Real

Luís Mira Amaral
geral@forumcompetitividade.org

A EXECUÇÃO DA 'BAZUCA'

Os governos nos últimos 25 anos têm avaliado o bom desempenho na gestão dos fundos comunitários pela sua taxa de execução financeira, tendendo a concluir que uma boa gestão dos fundos é gastarem o dinheiro todo... Entretanto, outros países da União Europeia, designadamente os do Leste, vão-nos ultrapassando em termos de PIB *per capita* e acontece que alguns deles têm taxas de execução inferiores a 100%.

Na realidade, quando nos centramos apenas na execução financeira, esquecemo-nos de ver se os fundos estão em termos económicos a serem bem ou mal aplicados. Os organismos intermédios de gestão desses fundos preocupam-se (e bem) com a análise das candidaturas e depois na execução descaram o acompanhamento a fazer através duma avaliação periódica que permita ver se o projeto está a ser útil para a empresa e para a economia nacional. Isto acontece não por incúria desses organismos, mas sim por falta dos adequados meios técnicos e humanos, pois o Orçamento do Estado não lhes disponibiliza verbas para tal, mal dando elas para a sua gestão corrente, e as verbas comunitárias não podem

Haverá, pois, o risco de despejarmos dinheiro sobre a economia não resolvendo os seus problemas estruturais

ser afetas ao acompanhamento dos projetos. Assim, o país não tem capacidade de avaliar se estamos a fazer uma boa afetação de recursos nos investimentos financiados por fundos comunitários.

Outro problema que se vai pôr com a 'bazuca' europeia tem a ver com o enquadramento político-económico para a sua aplicação em Portugal. Sendo "uma pipa de massa", é obvio que tal injeção de dinheiro vai ter impactos positivos de curto prazo no Produto através do multiplicador da despesa. Mas estando o país há cinco anos em completa inação estrutural e se assim continuar, mantendo-se a atual solução política de governo à esquerda, esse impulso keynesiano vai-se esbater a prazo por estrangulamentos do lado da oferta, ligados a uma deficiente alocação de recursos e a uma ausência dos corretos incentivos económicos para a criação de riqueza. Por outras palavras, na ausência das reformas estruturais que libertam o potencial produtivo, o PIB potencial, ao qual chamei nestas colunas a capacidade instalada da fábrica Portugal SA, não sairá da sua medíocre trajetória de crescimento e o impulso de curto prazo não terá sustentabilidade. Haverá, pois, o risco de despejarmos dinheiro sobre a economia não resolvendo os seus problemas estruturais, pelo contrário, até os agravando nos casos em que se gasta mal o dinheiro!

Bom ano para todos!

Engenheiro (IST)
e Economista (Msc NOVASBE)